

O Autor propõe uma atualização sócio-teológica sobre a Velhice, procurando não se limitar à repetição das idéias gerais sobre o assunto. Sem omitir, porém, a abordagem dos lados contextuais, o Autor adverte sobre a situação dos idosos mais pobres: situação dramática e quase irreversível pela impossibilidade de sustentá-los, porque se sonha atualmente mais em reduzir os impostos dos ricos do que em prover a sustentação da Previdência Social e de outras ajudas necessárias, face ao aumento da percentagem dos inativos em relação aos ativos. É difícil prever uma melhoria com gritos contra a globalização e o neoliberalismo, não acompanhados de sugestões praticáveis de medidas sócio-políticas concretas.

A velhice na história religiosa como desafio ético

Hubert Lepargneur



Velhice, fenômeno natural e cultural

Os mesmos aspectos da velhice têm sido salientados de forma diversa nas diferentes culturas e épocas. É inútil reapresentar aqui processos e características hoje amplamente descritos em inúmeros volumes. Do poeta inglês W.B. Yeats: “*An aged man is but a paltry thing, a tattered coat ... unless soul clap its hands and sing...*” (Um idoso não passa de um ser lamentável, revestido de farrapo, a menos que ele bata palmas e cante). O processo de envelhecimento começa cedo, ainda que em datas e etapas diversas segundo as funções e pessoas. Os entendidos nos recomendam devida “preparação à velhice”; na realidade mais comum, porém, ninguém acredita na própria velhice antes de sentir na pele, na atuação, no espelho e na mente os primeiros toques da inexorável passagem do tempo.

A falta de previsão evidencia-se, numa época em que pesa o imediatismo (exige-se desfruto rápido de todo investimento), se for provado que os jovens não se imaginam nem mortos nem velhos; a longo prazo, porém, inexiste outra alternativa. O velho parece pertencer a outra espécie de seres ainda vivos. A mudança de mentalidade é muito lenta desde que “jovem” é quem nasceu após a gente, e “velho” quem nasceu antes.

As deficiências próprias aos idosos são conhecidas dos médicos (Rey). Os idosos são reputados queixar-se mais facilmente ao seu meio, mesmo pouco atento a seus dizeres, que aos terapeutas. A deficiência de um órgão estende-se a outros, tornando complexos diagnósticos e terapias eficazes. A influência do “moral” é patente, isto é, da motivação que se tem para agir e viver mais. A segunda parte de uma vida depende muito do encaminhamento dado na primeira metade da existência. Interferem sempre três fatores: os dados inerentes à individualidade psico-biológica, as motivações pessoais no contexto de vida, e o destino, isto é, os eventos que envolvem a trajetória histórica do sujeito, independentes de seu propósito.

Os progressos da higiene, da alimentação, da medicina e das legislações sociais fazem aumentar sensivelmente, pelo menos nos países industrializados ou emergentes, a percentagem dos idosos na população geral. Tal progresso, assumido notadamente pelas Previdência Sociais, não está isento de graves hipotecas: a Previdência Social brasileira está sofrendo em 2002 um déficit de mais de dez bilhões de reais. Cuidar do “social” exige cultivar o setor econômico, sua produção e justa distribuição.

Perspectivas no Antigo Testamento: a supremacia do Ancião

Frente à velhice, o que pode a consciência religiosa? Estudar mais de perto a situação para saber e agir mais responsabilmente. Tem a teologia algo para nos ensinar sobre isso? Apesar de o envelhecimento constituir um fenômeno biológico



natural, vimos que, de fato, ele está condicionado pelas situações culturais de tempo e lugar. Segundo o Deuteronômio, “*Moisés tinha cento e vinte anos quando morreu; sua vista não se tinha enfraquecido e sua vitalidade não o havia abandonado*” (Dt 34,7). Apesar das idades incrivelmente avançadas assinaladas nos livros santos, havia outrora relativamente poucos idosos, quase sempre muito respeitados em todas as culturas, porque portadores das tradições, da memória do grupo e da sabedoria que tinha outrora o prestígio hoje devoluto à ciência. É comum ler na Bíblia pedidos como este: “*Levanta-te diante de cabelos brancos, e sê cheio de respeito por um ancião; é assim que terás o temor de teu Deus.*”

O mito dos 969 anos de Matusalém (Gn 5, 27) não elimina uma esperança média de vida por volta dos 70 anos, indo excepcionalmente até os 80 anos (Sl 90, 10). “*Não me rejeites, agora que sou velho; quando as minhas forças declinam, não me abandones*” diz o salmista (Sl 71, 9). O Eclesiastes prevê que um dia o velho irá dizer “*Não sinto nestes anos prazer nenhum*” (Ecle 12, 1). O desprezo pelos velhos que observamos em Jó 30, 1-5, não é normal; mais comum é a celebração de sua sabedoria, como em Jó 12, 12.

Em Israel como na maior parte dos povos antigos, os Anciãos desfrutaram uma autoridade incontestada na tribo ou comunidade. Entre os mais respeitados, alguns formam um Conselho de Anciãos que assiste o chefe da comunidade, profeta, juiz ou rei: fala-se de 70 anciãos em torno de Moisés (Ex 24, 1 e 9). Anciãos reclamam um rei com Samuel (I Sm 8, 4 s.). Davi trata com os anciãos de Judá (I Sm 30, 26) etc. O Conselho dos Anciãos em torno do grande sacerdote sob os Maccabeus (I Mc 12, 6 e 35) tornou-se o Sinédrio.

Perspectivas no Novo Testamento: que convém aos idosos?

Jesus de Nazaré conseguiu desempenhar sua missão redentora antes de ter de enfrentar pessoalmente os óbices da idade avançada. Ignoramos como teria reagido. Não deixou recado especial a este respeito. No seu tempo os anciãos se organizavam da maneira hebraica tradicional em Jerusalém (At 11, 30; 15, 2; 21, 18) e alhures (At 14, 23; 20, 17; 1Tm 4, 14). Algumas figuras de idosos são modelares, como as de Isabel e de Simeão. Em sua Carta a Tito, Paulo dirige aos idosos preciosas recomendações (Tt 2, 2-5), o que lhes permitirá, em fim de vida, dizer como o Apóstolo: “*Não perdemos a coragem; mesmo se, em nós, o homem exterior se encaminha para a ruína, o homem interior se renova dia a dia*” (2Cor 4, 16). Raramente as cruces faltam aos idosos, nos mais variados setores, mas eles são também supostamente melhor preparados que os jovens para tais enfrentamentos. Os melhores regozijam-se com S. Paulo por ter travado “*o bom combate*” e ter “*conservado a fé*” (2Tm 4, 7). Raros são os anciãos piedosos que não podem identificar-se como “*uma voz que clama no deserto*” (Lc 3, 4), com o sucesso que



adivinhamos. Quando a cultura dominante incentiva e hipertrofia o eu, eventualmente com ajuda dos meios do marketing e das comunicações em geral, as espiritualidades religiosas tendem geralmente a favorecer a retração do eu, enfrentando a mácula da falta de auto-estima. Mesmo sem recorrer ao budismo, ouçamos Simone Weil reparar “O apego é o maior criador de ilusões. Apenas quem é desapegado pode atingir a realidade” (não faltam santos e espirituais católicos para proferir similares declarações) e Erich Fromm aponta com fineza: “A principal tarefa do homem é a de se dar nascimento.” Para o cristão, temos de nascer plenamente para esta terra e para a eternidade.

Novos significados sociais da velhice

O atual crescimento do número dos idosos em percentagem num país tem várias origens: os países mais desenvolvidos têm mais idosos porque cuidam melhor de seus cidadãos (com destaque: Suécia, Reino Unido). Outra razão é a queda da natalidade (União Européia em geral) ou a forte mortalidade infantil (América Latina, Turquia), sem desconsiderar o efeito das guerras (Alemanha e Rússia, após a II guerra mundial).

A ampla revolução sócio-econômica suscitada pela revolução tecnológica não pôde evitar promover os jovens, rápida e diretamente iniciados nas novas práticas, mesmo se o mesmo fenômeno aumenta o número dos desempregados até entre jovens. Os países desenvolvidos se queixam da carência de cultura geral nestes jovens prematuramente especializados em técnicas. Mas quem não percebe a relação velada que une cultura geral e sabedoria, na abertura do horizonte próprio? Formase uma onda de choque de hiper-valorização da mocidade pela mocidade, que abrange mais do que a produção, as comunicações, a arte do belo e do feio que espanta; a convivência social está sacudida pelo desprezo da cortesia e antiga polidez, esta atenção ao outro que preludia à caridade. Quem recebe em cheio o impacto são os velhos tornados figuras obsoletas, apesar de valorosas iniciativas que tendem a protegê-los, assisti-los, distraí-los. Tais transformações recomendam rever ou completar a enorme literatura que existe, também em português, sobre a terceira idade. Tudo parece ter sido dito, escrito, se não ouvido e lido, desde compêndios de higiene e conselhos médicos, discretos e indiscretos, até manuais de “auto-ajuda” para vigorar a auto-confiança ou exercer um consolo espiritual.

Antagonismo espontâneo significa apelo à Solidariedade

Em nível de processos sociais, acreditamos que as tensões “Primeiro Mundo versus Terceiro Mundo”, “Norte versus Sul”, “Economias socialistas versus Economias de capitalismo liberal”, sem desaparecerem, definham frente à crescente



tensão ainda oculta “Idosos ricos (de qualquer país) versus o resto da sociedade (local e mundial)”. Uma dialética social não suprime outra, mas interfere com as outras. O impacto econômico, ainda que desafiado pelo enfrentamento do Islamismo com as democracias ocidentais, não está a ponto de diminuir, mas antes de se reforçar na situação aqui descrita. A solidariedade social falta não apenas entre nações, mas no seio de cada nação, com particular ostentação no Brasil entre aposentados do funcionalismo e os outros idosos que não pertencem à elite nacional mais rica. Tal assunto dificilmente podia aparecer, nem sequer nas discussões pré-eleitorais, sobretudo quando o candidato máximo consegue apoio numa impressionante percentagem de funcionários ou ex-funcionários. O toque de avaliação mais decisivo quanto à humanização de uma nação não residiria na maneira de seus mais ricos cidadãos e seus governantes tratarem os segmentos mais fracos da nação? Várias nações discutem hoje como reduzir os impostos dos mais ricos, sem poupar promessas para “o social”, “a serviço do qual” cresce sempre o orçamento da propaganda. Não são mais livros que parecem construir a sociedade de amanhã, mas a mídia confiada aos amigos.

Salientamos que a distinção entre ricos e pobres não está superada, mas reforçada, quando se trata de pessoas de alta idade. Os idosos ricos se tornam cada vez mais ricos, com o duplo sistema das aposentadorias especiais e da frutificação bolsista dos capitais acumulados (apesar da crise muito falada dos Fundos de Investimento que sacudiu a globalização liberal no ano 2002), ao passo que os velhos pobres são mais suscetíveis de enfrentar sérios problemas de saúde e de cair em maior miséria. Expomos, em outro lugar, que a história dos países desenvolvidos, durante o século XX, mostra que o instrumento que evitou mais comprovadamente o distanciamento das fortunas era a forte fiscalização progressiva dos rendimentos privados mais elevados, de qualquer origem, tabu para muitos. Se os dirigentes de um país dependem de eleições que só ricos podem subvencionar, de uma maneira ou outra, que interesse haveria para cuidar especialmente dos velhos pobres? Seria novidade descobrir conflitos entre ética e sucesso mundano? Que força tem a religião nisso?

A mensagem mais importante emitida pelos anciãos parece portanto um chamado à solidariedade. A convivência solidária não se limita a questões de rendas; abrange questões de educação e de atenção diária ao outro, questões de comportamento individual e de decisões políticas, com a preciosa contribuição recente de não poucas, mas insuficientes, ONGs. Ao lado dos socorros da Previdência Social, é apreciado no Brasil o transporte urbano gratuito dos idosos, ainda que o sistema revele o egoísmo dos jovens que ocupam lugares reservados a idosos em pé, quando estes jovens poderiam sentar em outra parte do veículo. Muitas mães também se precipitam para assentar seus jovens e vigorosos rebentos onde poderiam elas mesmas sentar, deixando o lugar a idosos próximos.



Se nenhuma evolução cultural intervém nos próximos decênios, o aumento absoluto e relativo dos idosos dificultará a vida de muitos, que hoje não se importam com eles, e prejudicará sensivelmente o relacionamento social numa cultura individualista pouca predisposta ao exercício da caridade. Isto não significa a inexistência de cidadãos de admirável altruísmo, entre crentes de todo tipo, mas uma cultura se tece pelos comportamentos e pelos juízos que predominam. O que será mais educativo: a luta pela dominação nos mercados globalizados ou o orgulho de torcer por “nossas equipes” esportivas que vencem? Que tipo de solidariedade entretemos: apenas a de núcleos fechados, de famílias, cartéis, sindicatos, corporativismos, lobbies de qualquer espécie, ou a da abertura às necessidades do outro mais fraco?

Entender e socorrer deficiências psico-físicas

Não menos do que em outras idades, o orgânico e o psíquico interferem constantemente, de modo que a hesitação é amiúde possível entre medidas psicológicas de correção e remédios, frente a uma multidão de desajustes ou desgastes. Seja o caso banal da depressão. Pode-se pensar em perturbação de um neurotransmissor como a serotonina, sobre o qual agiriam antidepressores; mas isso não é evidente e pode ocultar perturbações próprias no relacionamento com o meio. Diante da evocação de uma “relação dual” face à depressão, mencionada na propaganda de um laboratório, um psiquiatra conjeturou “enfim pensam na relação médico-paciente”; foi erro, tratava-se de conjugação de dois neurotransmissores que deviam vencer a depressão recalcitrante, a serotonina e a noradrenalina. “Saúde no jovem é obra da natureza; no idoso, obra da arte” como se diz, e a arte médica depende muito da ciência.

Apesar dos esforços, o doente regride; o idoso também, a menos que toda a sua vida anterior tenha sido voltada para os outros e não tenha confundido interioridade ou personalização com desenvolvimento do egoísmo. Apenas na opção ética preencherá o dito de Hermógenes: “Um idoso, quando sábio, jamais se queixa porque o deixam de lado; aproveita a solidão para meditar.” A sabedoria não se improvisa. Na falta de urbanidade que observamos, suspeitamos esta diferença: a incivilidade do idoso vem de que ele não percebe o outro, não se interessa em tomar conhecimento de que está obstruindo a passagem, ao passo que o jovem vê, sabe e despreza o outro.

Inegável é a influência dos pais e do país, da classe social e da profissão, sobre o comportamento e o destino do idoso. Quando o operário europeu não qualificado morria em média aos 60 anos, os professores morriam em média estatística aos 75 anos. O conforto que esperam os idosos não sofre menos variações: todos não entram em instituições como “a Cidade dos Idosos” de Copenhague (dos



professores Porsman e Meulengracht) ou se beneficiam dos cuidados de seletos Recanto ou do professor Grappi em Florença, berço da gerontologia italiana. Nos Estados Unidos são mais de 6.000 os centenários; seu número vai crescer no mundo inteiro, ainda que não exclusivamente entre ricos, levando em conta o poderoso freio à longevidade posto pela crescente obesidade das populações.

O atual desafio da velhice não é algo que possam enfrentar apenas algumas almas de elite ou governantes notavelmente esclarecidos. A velhice é um campo em que Igrejas e sociedade civil devem colaborar de maneira humana e realista. A multiplicação das Instituições de caridade para anciãos exige investimentos, em si não lucrativos, por falta de produto a pôr no mercado externo. Tais custos deverão ser suportados tanto pelos orçamentos públicos quanto por organizações privadas, sem falar da oportuna abertura das famílias aos anciãos de sua estirpe, que elas seriam capazes de hospedar e não o fazem. Diversos países ensaiam medidas próprias que podem inspirar outros lugares. Na França existem deduções fiscais para quem alojar um idoso de 75 anos, deduções mais acentuadas quando o ancião não é parente e mais ainda quando é doente inválido; uma lei de 1986 proíbe expulsão domiciliar de idosos de mais de 65 anos. Temos reservado para o fim a questão, tão primordial quanto delicada no Brasil, das aposentadorias dos funcionários.

Os idosos são cada vez menos iguais entre si

Alguns chamam de terceira idade o conjunto dos seres humanos de 60 anos ou mais; com a multiplicação dos centenários, a disposição ao trabalho ultrapassa e ultrapassará sensivelmente os 60 anos. Além desta idade e honrado com uma aposentadoria que o faz viver, o idoso de certos países se dedica ao voluntariado serviçal, sendo proibido de exercer profissão remunerada, por atenção aos jovens que procuram emprego. A situação brasileira não chegou lá e encontra poucas nações que ultrapassam sua percentagem de aposentados que nem atingiram os 50 anos. Enquanto o “politicamente correto” pressiona para favorecer uma aposentadoria cada vez mais precoce, a “medicina correta” freia a diminuição da capacidade ao trabalho. Aos esforços da sociedade para ajudar a vida dos anciãos diminuídos em suas capacidades de trabalho deve corresponder um esforço dos cidadãos para prestar serviços em seu alcance. A falta de estima entre nós pelo trabalho manual não esperou a contribuição dos robôs, ainda raros e caros. Como evitar encontrar, em hospitais, doentes que enfrentam uma bandeja de comida na qual são fisicamente incapazes de tocar, quando a pessoa que traz a comida não tem o tempo nem a função de levá-la à boca? Uma hora depois, pode voltar para levar esta comida ao lixo, tudo segundo regulamentos acertados.

A fim de compensar o aumento atual da longevidade média, alguns países projetam retardar a aposentadoria, mas os grupos de pressão, em país forte ou



fraco, costumam ser mais potentes que o bom senso ou o bem comum. Quem impediria limitar as ajudas extras de fontes públicas para Fundos de Aposentadoria de servidores especiais, quando todos os envolvidos ou fiscais são beneficiários por tais atenções? É pouco ético, para não dizer mais, celebrar uma igualdade que sabemos atropelada desde as primícias constitucionais e legais. Como pedir aos outros uma justiça, equidade ou solidariedade humana, que não praticamos em casa, ainda que a cegueira não seja monopólio de ninguém?

Antes de levantar a questão chave da justiça e solidariedade humana nos sistemas nacionais de aposentadoria, convém reconhecer que o progressivo distanciamento das rendas entre ricos e pobres constitui um fenômeno mundial, com a liderança de países conhecidos. Ilustramos com o caso de um famoso analista financeiro da firma norte-americana Salomon Smith Barney, de nome Jack Grubman. Durante anos ele serviu de supremo orientador de investimentos para milhares de acionistas, clientes da bolsa de Nova York. Com as quedas e escândalos que atingiram famosas firmas, fraudulentamente superavaliadas, estes investidores confiantes perderam fortunas: apenas nos Estados Unidos, entre março de 2000 e dezembro de 2002, 6.700 milhões de dólares sumiram da poupança. Quando Jack Grubman finalmente se demitiu, sem remorso, em 15 de agosto de 2002, recebeu, além dos estipêndios habituais, a recompensa de 32 milhões de dólares, ainda que, desde outubro de 1998, a revista *Business Week* tenha informado que Grubman usava informações privilegiadas, o que não soa muito ético. Entre jovens e velhos muitos perdem, mas não todos: a firma Winstar, hoje falida, pagou 24 milhões de dólares em comissões à firma de corretagem Salomon. No Brasil, quanto mais o país se endivida e aumenta juros que prejudicam os industriais, maiores são os lucros dos grandes bancos.

A questão chave das aposentadorias

Poucos países, para começar, podem se dar o luxo de estipendiar inativos como ou mais que os ativos de mesmo nível, do mesmo ramo de serviço público. Já que a opção nacional, de princípio, para as aposentadorias da Previdência Social é o sistema de repartição, isto é, de solidariedade, e não de capitalização mais atento às prestações individuais, importa considerar que a distribuição da renda brasileira é das piores do mundo: não haveria contradição? Sem entrar na problemática da legislação fiscal que permanece em mãos de privilegiados, cujos advogados justificam seus clientes com freqüentes e brilhantes artigos nos diários, o contraste entre as aposentadorias de funções públicas e os aposentados cidadãos comuns pode surpreender o observador não prevenido. Não corrige nada reparar que existe outra extravagância com os super-salários, *stock options*, jetons de presença e outras regalias que se concedem dirigentes de poderosas firmas privadas, bem sucedidas ou ameaçadas de pronta falência. Onde, fora do Brasil, o ascensorista da Câmara dos Deputados pode ser mais bem pago que um professor universitário?



Diante da decisão do governo francês de esquerda que determinou a 60 anos a idade para a aposentadoria normal, Roger Prioulet anunciou, desde os anos 1980, que o financiamento a longo termo da Previdência Social não estava assegurado “de modo que, em menos de dez anos, haveria de dobrar as mensalidades a serem recebidas ou de cortar as pensões pela metade”. Esta previsão do *Nouvel Observateur* de 13-05-1983 era pessimista, mas ia no sentido certo. Vimos que o déficit da Previdência Social brasileira para 2002 ultrapassa dez bilhões de reais; ignoramos como o governo do presidente Lula sanará a situação. Os sistemas de aposentadorias e de proteção social em geral não podem ser dissociados do sistema fiscal que os governos de F. H. Cardoso desistiram de reestruturar. Por outro lado, nos parece justo e coerente distinguir sistemas em que predomina a justiça, com métodos atuariais levando em conta as contribuições de cada parte, e a assistência social aos necessitados que compreendem os velhos pobres, socorro financiado pelo imposto no orçamento público. Não cabe falar aqui do “imposto negativo”, renda mínima legal, que merece consideração, apesar do risco da chaga do desvio de orçamentos públicos. De qualquer maneira mostramos, em artigo de outra revista, que a experiência das nações desenvolvidas, durante todo o século XX, revela que dificilmente se evita o alargamento do fosso, espontaneamente crescente, entre muito ricos e muito pobres, sem a implementação de uma fiscalidade decididamente progressiva para as rendas privadas mais altas; onerar especialmente a folha de pagamento do empregado de classe média ou operário, contratado por firma privada, é obsoleto.

O Brasil pode sustentar seus idosos necessitados, mas solidariamente com uma justiça social em que colaborem um Legislativo para ordenar leis adequadas ao bem comum e um Poder Judiciário que desista de expropriar terrenos imprestáveis a peso de ouro ou de outorgar indenizações exorbitantes, como algumas de bilhões de dólares concedidas pela justiça norte-americana a ex-fumantes, pelo prejuízo que acarretou a própria imprevidência do pedinte. Quantas vidas de idosos pobres não poderiam ser salvas ou aliviadas com os bilhões de reais ou de dólares extorquidos em benefício de ricos, sob a cobertura de uma juridicidade mais do que suspeita?

Futuro do homem e futuro da máquina

Por trás do confronto das gerações percebe-se, entre outros fatores, o confronto entre ciência e sabedoria. A atual aquisição da ciência, coletiva e individual, é mais rápida e se mede numa eficácia quase imediata; a sabedoria escapa às mensurações e desafia toda pressa. Não se trata de uma ocorrência passageira: a máquina e os automatismos computacionais invadem constantemente o espaço tradicional do trabalho humano. O que é bom para a tecnologia mundial não favorece necessariamente muitos idosos, dos que ficam perplexos perante a ambigüidade do dito do poeta Paul Ceylan “A morte é uma flor”, e se suicidam. Falta aos autômatos



a sensibilidade que brota de uma subjetividade auto-reflexiva e aberta. Em maio de 1997, em Nova York, o então campeão mundial de xadrez, o russo Gary Kasparov, foi vencido pelo supercomputador da IBM, *Deep Blue*; a superioridade intelectual da máquina, porém, não foi por isso definitivamente estabelecida. De modo que o desafio de outubro de 2002, que opõe o atual campeão mundial de xadrez, o russo Vladimir Kramnik, ao programa mais avançado nesta área, o *Deep Fritz* da empresa alemã ChessBase, mede apenas uma capacidade racional ligada à velocidade de tratamento de símbolos lógicos e à memória. Consciência, sobretudo de si mesmo, é memória (o que perdem aos poucos os anciãos vítimas do mal de Alzheimer) mas não apenas memória, que o computador pode ter melhor do que nós. Dizem que falta à máquina a sensibilidade para se igualar a nós; falta-lhe muito mais o poder de recusa ou de contestação que chamamos liberdade.

Entre o saber e a sabedoria existe a intuição que presentimos nesta reflexão de G.K. Chesterton: “Podes achar a verdade pela lógica, apenas se já a tenhas achado antes sem ela.” Esta intuição comunga com a liberdade, na abertura ao transcendente. Não é prudente jogar fora da história os anciãos, ainda que entre eles tagarelas incomodem com repetições enfadonhas. Certo conhecimento desponta tardiamente numa vida bem desempenhada, como quando Tão-tö-King reparou: “Mais sabes, menos entendes”, que não tem sabor de lógica mas de verdade experimentada. Tal conhecimento nunca será substituído pela inteligência artificial, porque os computadores são capazes de respostas certas, mas não de perguntas que abrem sobre o mistério transcendente e desafiam a liberdade. O ser humano inventou as máquinas para ajudá-lo a viver melhor, por mais tempo, mas deve proteger-se contra seus correlatos negativos e achar na ética e na religião um significado pela vida, inalcançável pela lógica da máquina, pelo algoritmo computacional, pela civilização materialista que nos cerca. A humanidade de uma sociedade se mede pelo tratamento que outorga aos pobres e velhos de pouco poder.

Endereço do Autor:

Avenida Pompéia 1214
05022-001 SÃO PAULO SP

Bibliografia

- HERMÓGENES, J., **Saúde na terceira idade**, Rio de Janeiro, Nova Era, 1996.
LEPARGNEUR, H., “A terceira idade, ontem-hoje-amanhã”, **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 21, n° 4 (julho-agosto de 1997); “Os desafios do envelhecimento”, **O Mundo da Saúde**, v. 23, n° 4 (julho-ag. De 1999) 230-244; “Altas rendas e fiscalidade na história”, **Fragments de Cultura**, Universidade Católica de Goiás, v. 12, n° 3 (maio-jun. de 2002) 371-382.
REY, L. (org.), **Dicionário de termos técnicos de medicina e saúde**, Rio de Janeiro, Guanabara-Kogan, 1999.
YEATS, W.B., **October Blast**, Londres, 1927.